

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS  
11 DE JULHO 2023

## SESSÃO “AS VIDAS DA CIDADE”

ENCONTRO / 1993

**Realização:** Pedro Carneira / **Argumento:** Pedro Palma / **Diretor de fotografia:** António Júnior / **Câmara:** Miguel Gomes / **Assistência de imagem:** Marta Pessoa / **Direção de som:** Rui Nunes / **Mistura de som:** António Pedro Figueiredo / **Montagem:** Alexandre Lyra / **Decoração:** Sandro Aguilar / **Interpretação:** Ivo Ferreira (homem), Ana Oliva Telles (mulher), David Reis (miúdo)

**Produção:** Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 1.º ano) / **Chefia de produção:** Eduarda Martins / **Cópia:** 16mm, preto e branco, som magnético em *dual band*, falada em português / **Duração:** 3 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca

DEIXAR CAIR A NOITE / 2009

**Realização:** Jorge Jácome / **Argumento:** Miguel Cipriano / **Direção de fotografia:** Marta Simões / **Montagem:** Miguel Cipriano, Jorge Jácome / **Som:** Ivone Rodrigues

**Produção:** Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 2.º ano) / **Direção de produção:** Rita Cartageno / **Chefia de produção:** Mário Carvalho / **Cópia:** Betcam SP, cor, sem diálogos / **Duração:** 21 minutos / **Estreia:** 2009, Festival do Estoril / Primeira apresentação na Cinemateca

LUMIAR / 2004

**Realização:** Nádía Henriques / **Argumento:** Ricardo Oliveira / **Direção de fotografia:** Andreia Santos / **Direção de arte:** Tiago Nunes, Maria Ribeiro / **Direção de som:** Carlos Conceição / **Assistência de realização:** João Salaviza / **Interpretação:** Pedro Carmo, Lígia Soares.

**Produção:** Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 2.º ano) / **Direção de produção:** Paulo Jorge Barata / **Coordenação de produção:** Ricardo Oliveira / **Cópia:** 16mm, cor, falada em português (a exhibir em formato MiniDV) / **Duração:** 11 minutos / **Estreia:** novembro de 2004, Ovarvídeo / Primeira apresentação na Cinemateca

5040 / 2012

**Realização, montagem e voz:** Inês Teixeira / **Direção de fotografia e câmara:** Ana Pires / **Captação de som:** Luís Nunes, Pedro Magalhães / **Mistura de som:** Luís Nunes / **Ilustração:** Tiago Lança /

**Produção:** Inês Teixeira (filme produzido no âmbito da cadeira de Laboratório Experimental com a tutoria da professora Graça Castanheira) / **Cópia:** Ficheiro digital, cor, falada em português / **Duração:** 9 minutos / **Estreia:** 2013, Festival Arquiteturas / Primeira apresentação na Cinemateca

HEROÍSMO / 2015

**Realização:** Helena Estrela Vasconcelos / **Argumento:** João Duarte / **Direção de fotografia:** Afonso Gaudêncio / **Direção de som:** Bernardo Theriaga / **Montagem:** Bruno de Freitas Leal / **Direção artística:** Bruno Leal, Inês Martins / **Assistência de realização:** Rita Quelhas / **Interpretação:** Pedro Huet, Margarida Correia.

**Produção:** Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 3.º ano) / **Direção de produção:** Bernardo Theriaga, Kate Sargaço-Gomes / **Cópia:** Ficheiro digital, cor, falada em português / **Duração:** 22 minutos / **Estreia:** 2016, Festival IndieLisboa (Competição Nacional) / Primeira apresentação na Cinemateca

TÁXI / 2015

**Realização:** Renato Fernandes / **Argumento:** Diana Neto / **Direção de fotografia:** Ana Luís Quintão / **Correção de cor:** Manuel Pinho Braga / **Direção de som:** Pedro Henrique / **Montagem:** António Amaral / **Com:** Ricardo

**Produção:** Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 2.º ano) / **Direção de produção:** Afonso Santos / **Cópia:** Ficheiro digital, cor, falada em português / **Duração:** 20 minutos / **Estreia:** 2015, Festival DocLisboa (Secção Verdes Anos) / Primeira apresentação na Cinemateca

#### HORA DI BAI / 2015

**Realização e argumento:** Bruno Leal / **Direção de fotografia:** Čeněk Folk / **Montagem:** Bruno Leal, Čeněk Folk / **Direção de som:** Bernardo Theriaga / **Música:** Sérgio Rasta / **Com:** Adriana Mendes, Charles Calú, Dimas Santos, Farim Baldé, Helena Sanches, Rosa Correia, Salvador Lopes, Wilson Pempas.

**Produção:** Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 3.º ano) / **Direção de produção:** Ana Rafael / **Cópia:** Ficheiro digital, cor, falada em português / **Duração:** 21 minutos / **Estreia:** 2016, Festival IndieLisboa (Competição Novíssimos) / Primeira apresentação na Cinemateca

**Nota:** o filme não credita cargos técnicos nem artísticos, elencando apenas os elementos da equipa, pela seguinte ordem, Ana Rafael, Bernardo Theriaga, Bruno Leal, Čeněk Folk, Milene Coroado e Rita Cabrita.

Com a presença de Pedro Cardeira, Nádia Henriques, Renato Fernandes e Bruno Leal.

---

O pequeníssimo filme **Encontro**, que abre esta sessão, realizado no primeiro ano do curso e sofrendo de todas as limitações próprias desse tipo de exercícios, interessa, acima de tudo, pelo que a ficha técnica revela. O argumento é de Pedro Palma, cujo filme extracurricular da ESTC, **Terra de Magia** (1998), geraria algumas reações e circularia pelo ainda limitado circuito dos festivais portugueses dedicados à curta-metragem (sendo que Palma realizaria, depois da Escola, várias outras curtas). Na área de imagem encontramos dois nomes que se afirmariam enquanto realizadores (ainda que não tenham seguido essa via de formação na Escola), Miguel Gomes, como câmara, e Marta Pessoa, como assistente de imagem. Já na decoração surge creditado Sandro Aguilar e no elenco, com o papel principal, identifica-se Ivo Ferreira (o futuro realizador, que nunca chegou a ingressar na ESTC). Pedro Cardeira, o realizador deste exercício, faria carreira na área da imagem, tanto como diretor de fotografia, operador de câmara e assistente de imagem, nomeadamente com Miguel Gomes (em **Inventário de Natal**) e com Ivo Ferreira (nas suas primeiras longas-metragens, **Em Volta** e **Águas Mil**, ou mais recentemente na série **Sul**). Independentemente das qualidades do filme, que se apresenta como mero exercício, pareceu-nos que importava exibi-lo não só pelo seu valor de curiosidade, como pelo que testemunha da turma em que foi produzido, sendo possível através dele deslindar alguns dos laços profissionais que se viriam a estabelecer a partir do convívio promovido pelo curso.

Se esse é o caso neste pequeno filme, não deixa de o ser em quase todos os outros filmes produzidos neste contexto, já que, à distância do tempo, as fichas técnicas destes exercícios escolares elencam uma série de figuras que acabariam por ser afirmar enquanto importantes profissionais das suas respetivas áreas ou cineastas em nome individual. É o caso dos dois filmes seguintes da sessão: **Deixar Cair a Noite**, realizado por Jorge Jácome e com direção de fotografia de Marta Simões (dupla que se formaria na escola e que não mais deixaria de colaborar); e **Lumiar**, filme único de Nádia Santos Henriques como realizadora (conhecida diretora de arte do cinema português das últimas duas décadas – tem trabalhado com Leonor Noivo, Sandro Aguilar, Salomé Lamas, Susana Nobre, João Canijo, João Salaviza ou Margarida Cardoso, entre outros), onde está creditado o envolvimento de João Salaviza, na assistência de realização, de Carlos Conceição, na direção de som (é nessa área que o futuro realizador começa a trabalhar), de Andreia Santos na direção de fotografia, ou de Ricardo Oliveira (realizador que tem acompanhado os Capitão Fausto e realizou o filme-concerto **Sol Posto**) no argumento. Estes dois filmes, cada um à sua maneira, sinalizam o início de parcerias criativas, formas de sintonia que se prolongam para a vida profissional.

Além disso, anunciam já interesses (ou obsessões) dos seus autores. Apesar do seu esquema narrativo bastante quartado, **Deixar Cair a Noite** revela já muito do que viria a ser o cinema de Jorge Jácome (que desenvolveria a sua muito particular linguagem noutra escola, a Le Fresnoy – Studio national des arts contemporains, em França). Aquilo que, noutras mãos, poderia ser um vulgar retrato sociológico de uma feira popular, é, segundo o olhar do realizador (e a câmara de Marta Simões) uma investigação sobre as possibilidades plásticas de um lugar repleto de cor e movimento. Os primeiros planos do filme são, aliás, bem elucidativos daquilo que filmes como **Past Perfect** ou, mais recentemente, **Super Natural** viriam a trabalhar: uma tendência para a abstração que encontra no desfoque um modo de tornar difuso e atmosférico aquilo que é a concretude das coisas. É, naturalmente, uma versão ainda tentativa e exploratória desse cinema feito de cores e sons tântricos, paredes-meias com a cromoterapia e a hipnose. A isso, junta-se o fascínio pelos *neons*, pelas luzes que piscam na noite, para os movimentos pneumáticos dos divertimentos de feira que se apresentam aqui, em modo observacional (planos fixos, ora distantes, ora muito próximos), numa versão plástica do cinema de atrações do início do mudo, tirando partido das qualidades berrantes do vídeo em que o filme é rodado.

**Lumiar**, por sua vez, contém já a semente do que viria a ser o trabalho de Nádía Santos Henriques na decoração e nos figurinos (este é um filme de segundo ano de licenciatura, no ano seguinte, já na reta final do curso, Nádía seria diretora de arte da curta de formatura de João Salaviza, **Dois Pessoas**, acompanhando-o depois em quase todos os seus filmes, até à mudança dele para o Brasil). Repare-se nos quadros que se dispõem pela casa do casal protagonista, em particular no cartaz de **La dolce vita**, que prenunciam o cachecol vermelho de Lígia Soares, elemento dramático por excelência no filme – cujo papel é reforçado pelas sequências rodadas junto à rebentação marítima (o vento e o azul). Mas o que atrai, em **Lumiar**, é o modo como se trabalham as elipses, como se faz avançar o tempo de uma relação deslaçada, e como em tão poucos minutos se dá a ver – em relances – o aborrecimento e o desacerto de um casal até à sua inevitável separação. Tudo muito subtil, cheio de alusões e sem qualquer tido de ilusões (românticas).

Chegados a **5040**, percebe-se por fim a razão de ser desta sessão. Colocado a meio da sessão, a curta-metragem de Inês Teixeira surge neste alinhamento como uma pausa e um ponto de reflexão, propondo novas formas de entender os filmes precedentes e considerar os filmes seguintes. Realizado no âmbito de Laboratório Experimental, cadeira de terceiro ano em que cada aluno pode escolher um qualquer professor da ESTC para o orientar num exercício autoproduzido de cariz mais ensaístico (aqui a professora-tutora foi Graça Castanheira). Tendendo muitas vezes para o filme autorreflexivo, ora em jeito diarístico, ora como forma de questionamento de si a partir de registos fotográficos ou videográficos da infância, **5040** destaca-se pela particularidade do tema – o urbanismo – e pela profundidade da sua abordagem – citam-se várias referências bibliográficas, com particular atenção à *Sebenta de Urbanização* do professor Manuel Costa Lobo do Instituto Superior Técnico, à *As Cidades Invisíveis* de Italo Calvino, ou mesmo à Lei n. 11/82 de 2 de junho, onde se definem as características necessárias e fundamentais à passagem de uma vila ao estatuto de cidade. Inês Teixeira faz acompanhar o texto rico em citações (lidas em diferentes entoações) com uma série de soluções visuais que procuram complementar o texto, sem necessariamente o ilustrar. Ora através de emaranhados abstratos que sinalizam a trama urbana (que depois se vertem em mapas reais da cidade de Lisboa), ora através de investidas sobre arruamentos e fachadas (repletas de convidativas janelas), ora ainda através do desenho “técnico”, Inês Teixeira produz uma meditação que, mais do que assinalar uma via, instala uma dúvida sobre a sustentabilidade e a adequação destes lugares a que chamamos cidades.

A esse respeito, atente-se no último momento da curta de Inês Teixeira, onde se cita a famosa alegoria de Calvino sobre Ercília: “para estabelecer as ligações que orientam a vida da cidade, os habitantes estendem fios entre as arestas das casas, brancos ou pretos ou cinza ou pretos-e-brancos, de acordo com as relações de parentesco, troca, autoridade, representação. Quando os fios são tantos que já não se pode atravessar, os habitantes vão embora: as casas são desmontadas; restam apenas os fios e os sustentáculos dos fios [...] teias de aranha de relações intrincadas à procura de uma forma” [sublinhado meu]. Esta imagem é bem ilustrativa do que fica depois de uma mudança (qualquer que ela seja) e serve como forma de ler os filmes seguintes da sessão (do ponto de vista urbanístico) e de entender os anteriores (do ponto de vista das relações profissionais).

Nem de propósito, **Heroísmo** desenvolve-se em torno de um local abandonado da cidade do Porto, o antigo Centro Comercial Stop, que depois de várias décadas como espaço comercial na Rua do Heroísmo, deu origem a um espaço para estúdios e salas de ensaio para bandas portuenses (lê-se na promoção municipal que se trata de uma “incubadora musical”). Um romance surdo num espaço vazio. Um filme feito de pequenos gestos de aborrecimento (lavar uma camisola no lavatório, regar uma planta, jogar ténis contra a parede), de silêncios interrompidos por diálogos desencarnados, tons cinzentos e pastel, uma certa *malaise* juvenil que já nem o amor é capaz de suspender. Helena Estrela ensaia neste filme uma série de soluções enigmáticas (o gongo japonês, as sobreposições, a carta de abertura, os intertítulos, o final já totalmente despovoado algures entre Antonioni e Apichatpong) e uma certa atmosfera que os seus filmes seguintes virão a desenvolver (de forma mais subtil, há que dizê-lo) – penso em **Bela Mandil** (e a sua ideia de amor predestinado) e em **Transportation Procedures for Lovers** (pelo lado algo absurdo que nesta primeira curta de escola surge como distopia). Um cinema críptico e iconoclasta que procura a intensidade das formas e dos signos.

**Táxi**, por sua vez, é um exercício do segundo ano da licenciatura em que os alunos tipicamente exploram o formato do documentário. Neste caso, trata-se de um documentário de personagem, e que personagem! Ricardo (assim, sem mais) é taxista e a câmara acompanha-o pela noite dentro, de cliente em cliente, ora sozinho, ora acompanhado (pelo rádio, pelos colegas de profissão, pela equipa de rodagem). Formalmente o realizador Renato Fernandes e a diretora de fotografia Ana Luís Quintão optam pela simplicidade. A câmara filma-o de perfil, a partir do banco do pendura, ou de trás (normalmente quando o “lugar do morto” está ocupado por um passageiro). E, fora um pormenor ou outro, todo o filme se compõe sobre o seu rosto, a sua presença, os seus monólogos, as suas histórias, as suas memórias, os seus lamentos, as suas saudades, as suas alegrias, as suas amizades. É de uma simplicidade desarmante. A câmara torna-se confessor e ali, numa intimidade claustrofóbica, desfia-se uma vida. Só no fim colocam eles a câmara sobre o capô do automóvel, dando-nos o homem e o seu contexto, mas virando costas ao caminho. Ricardo é a singularidade em pessoa, mas há, ainda assim, algo na sua ausência de apelido que o torna universal. Com todas as suas forças e fraquezas ele corporiza a cidade (do Casal Ventoso à Alta de Lisboa), ligando-a, e não é por acaso que no final, depois de muito custo, lá consegue ele telefonar para o programa de discos pedidos da rádio matutina, pedindo que ponham a rodar o “A cidade (até ser dia)”, de Anabela, a popular música do Festival da Canção, e ouvimos os primeiros e muito elucidativos versos “De madrugada saio para rua/ A cidade está à minha frente / E de repente a cidade é minha e tua / A cidade é de toda a gente”.

Por fim, **Hora di Bai** é um documentário de intervenção política e social, o que foge bastante à tipologia mais frequente do cinema realizado na ESTC. Porém, o filme insere-se numa certa tradição do cinema português, retratar os últimos dias de um bairro, aldeia ou comunidade, antes de uma intervenção geológica, de planeamento do território ou urbanística que irá destruir ou alterar por completo as dinâmicas do lugar e as vivências dos que ali nasceram e cresceram. Penso, por exemplo, em António Campos e os seus primeiros filmes (**Almadraba Atuneira**, **Vilarinho das Furnas**, **Gente da Praia da Vieira**), penso no retrato do Bairro das Fontainhas por Pedro Costa (**No Quarto da Vanda**) ou os vários documentários dedicados ao afundamento da Aldeia da Luz (em particular **A Minha Aldeia Já Não Mora Aqui**, de Catarina Mourão). Bruno Leal antecipa a destruição do Bairro 6 de Maio, na Damaia, um bairro de “barracas” (canta-se “Da minha barraca não sairei / só se a câmara mandar abaixo”) cuja população é maioritariamente de origem cabo-verdiana (daí o título em crioulo, “hora do adeus”). O que resulta de tudo isto é um filme que é tanto denúncia (das contradições burocráticas dos apoios sociais e da violência policial – lê-se num grafito “Fuck the Police”) como elegia de um lugar, de um modo de vida e de uma comunidade. A abordagem direta e sem salamaleques, onde as pessoas falam para a câmara e demonstram o seu desagrado, a sua indignação e a sua revolta, transforma o filme num objeto de ação social que, de algum modo, mais do que testemunhar um fim, procura remediar a inevitável desagregação, apresentando-se como figura de união. As casas até podem ser desmontadas, mas “restam os fios e os sustentáculos dos fios [...] teias de aranha de relações intrincadas à procura de uma forma.”

Ricardo Vieira Lisboa